

**CONEXÕES BRASIL/CABO VERDE:
LITERATURAS, CULTURAS E IDENTIDADES EM DIÁLOGOS**

Eidson Miguel da Silva MARCOS
Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI)
E-mail: eidson_miguel@hotmail.com
Rosilda Alves BEZERRA
Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/Orientadora)
E-mail: rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

Resumo: Tendo em comum com o Brasil a experiência colonial portuguesa, o arquipélago africano de Cabo Verde apresenta um percurso histórico marcado pela busca de uma identidade nacional diferenciada da metropolitana, principalmente durante o século XX, período que corresponde ao seu processo independentista. Tal fato poderá ser apreciado inclusive em alguns momentos de sua trajetória literária, onde o Brasil desempenhou influente papel não apenas na conformação dessa manifestação estética como na constituição de um modelo de sociedade que parecia mais próximo ao da realidade ansiada pelos cabo-verdianos. Partindo de uma breve abordagem da trajetória literária de Cabo Verde em paralelo com recortes do percurso literário brasileiro, especificamente o chamado Regionalismo nordestino de 30 do século passado, mapearemos algumas aproximações que se dão entre as duas realidades nos âmbitos histórico, cultural, geofísico e humano, tendo como plataforma de discussão a prosa do cabo-verdiano Luiz Romano Madeira de Melo, recortada no romance *Famintos*, de 1962, no qual são descritos eventos que se desenvolvem no arquipélago de Cabo Verde e que têm por tema a miséria da vida, a falta de água e as desigualdades sócio econômicas, sendo que o relacionamento mais íntimo que associa esses eventos é de ordem geográfica, segundo Chalendar (1983).

Palavras-chave: Cartografias culturais; Cabo Verde; Nordeste brasileiro; Literaturas e Identidades.

Segundo a história oficial as ilhas que constituem o arquipélago de Cabo Verde foram encontradas desabitadas em 1460, pelo português Diogo Gomes e pelo genovês Antônio de Noli, ambos a serviço da coroa portuguesa. Similarmente ao Brasil, foi implantado nas ilhas um regime de colonização baseado na divisão da terra em grandes e pequenos lotes, capitânicas e sesmarias, doadas a homens que tinham a obrigação de povoar, explorar e administrá-las.

Mas é particularmente a organização da mão-de-obra que define o caráter da propriedade e, nas ilhas, quer escravocrata, quer apresentando características servis, o traço é a exploração, a violência e a arbitrariedade. Por consequência, são precárias as condições de subsistência de todos os trabalhadores e quase sempre os que os distingue é o maior ou menor grau de miséria e degradação pessoal. São essas as circunstâncias que presidem a formação dos vários grupos sociais, diante das quais não permanecerão indiferentes. (HERNADEZ, 2002, p. 33)

No conjunto das literaturas produzidas no continente africano vamos encontrar muitos diálogos com essa trajetória marcada pelo colonialismo e seus desdobramentos, seja na simbiose cultural resultante, seja nas questões referentes a guerras, desigualdades sociais. QUEIROZ (2007) aponta uma categorização, corrente no meio acadêmico, acerca das literaturas produzidas em África: a literatura oral, transmitida sobretudo por meio da atividade performática do *Griot*¹; a literatura escrita em línguas vernáculas ou arábicas e ainda as literaturas escritas em idiomas europeus.

A respeito da literatura escrita em Cabo Verde, temos que:

A ficção cabo-verdiana inicia-se com o romance *O Escravo* (1856), de José Evaristo de Almeida, vazado em estilo romântico. Narrativa sobre a escravidão, com personagens majoritariamente cabo-verdianos. É prova de que havia também senhores de escravos entre os africanos. A obra advoga sua (do escravo) redenção e foi publicada em A voz de Cabo Verde. (DUARTE, 2012, p. 92).

A trajetória literária cabo-verdiana, principalmente a partir do século XX, vai apresentar conexões fortes com a brasileira, tanto é assim que “é o conhecimento do Modernismo brasileiro e do romance nordestino, nos anos 30, que dinamiza o surgimento duma genuína literatura cabo-verdiana” (SEMEDO, 2001:254). A principal razão disso seria pelo fato de que:

Ao assumir a afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autônoma, os escritores claridosos – em processo de emergência da consciência cultural e nacional, como os irmãos africanos de Angola, Moçambique, São Tomé e Guiné- Bissau – evidenciaram a sua determinação em refletir-se em (e por meio de) outros espelhos, mais próximos porque detentores de um itinerário histórico igualmente colonizado. (GOMES, 2008, p. 112).

¹“Vocábulo difundido a partir da África de colonização francesa, *griot* seria o termo genérico aplicado àqueles artistas especializados em perpetuar a memória cultural de suas coletividades recorrendo à história, à genealogia, à tradição e a um exercício performático que se apóia em manifestações diversas como o canto falado, a poesia, as narrativas orais, a encenação, a música, a mímica e a dança.” (QUEIROZ, 2007, p. 42)

São notórias as semelhanças verificáveis nos processos de colonização de Cabo Verde e Brasil – presença lusitana, introdução de mão de obra escrava etc. São igualmente marcantes as semelhanças físicas e climáticas entre o arquipélago africano e o Nordeste brasileiro. O clima, a comida, a música, a condição mestiça do povo, dramas e estigmas como a seca, a natureza áspera, de origem vulcânica, a rica cultura são aspectos em comum dos dois contextos, que vão desembocar na escrita dos principais autores dos dois países. Tese também defendida por Rita Chaves, para quem:

As similitudes entre as paisagens, com destaque para a do Nordeste, e a força da mesclagem racial configuravam um panorama que animava as aproximações. Isso explica a ressonância, por exemplo, do poema “Pasárgada”, de Manuel Bandeira, transformada em verdadeira matriz poética no Arquipélago. Depoimentos de inúmeros escritores, como Osvaldo Alcântara, Manuel Lopes, Luís Romano, Orlanda Amarílis e Gabriel Mariano ratificam o fato. (CHAVES, 2005, pp. 280-281).

Daniel Spínola nos apresenta uma sistematização mais genérica do percurso histórico seguido pelas letras do arquipélago. Ele entende que se pode dividir a literatura cabo-verdiana escrita em três fases distintas: a Pré-Claridosa, a Claridosa e a Pós-Claridosa.

A Pré-claridosa corresponde, cronologicamente, à literatura anterior a 1936 e é caracterizada por uma escrita de forte influência portuguesa e, por conseguinte, por um estilo romântico e uma obediência cega aos cânones clássicos da escrita de então. (...)

A revista Claridade surge no Mindelo em 1936, no centro de um movimento de emancipação cultural, social e política da sociedade cabo-verdiana. Encabeçada por Baltazar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, começa a fase da modernidade literária cabo-verdiana, verificando-se então uma ruptura com o estilo clássico de escrita, patente na promoção do versilibrismo no distanciamento em relação aos temas sentimentais e melodramáticos; reivindica-se agora uma escrita voltada para o Homem e para os problemas cabo-verdianos e, portanto, com os pés fincados no chão, voltados para a Terra-mater, em que a terra seca e árida, o mar, a situação social precária do cabo-verdiano, a exploração e o servilismo da população, a resignação e o espírito evasãoista, enquanto dramas existenciais do povo cabo-verdiano são abordados de forma incisiva.

Apesar do discurso utilizado na Claridade nunca ter podido ser directamente contestatário em relação ao regime colonial, face ao apertado crivo da censura, o seu papel foi de uma enorme importância social e literária.

A fase Pós-claridosa, que corresponde a toda a literatura posterior à revista Claridade, é caracterizada por uma heterogeneidade temática e estética e por uma sucessão de revistas com pretensões de ruptura. (SPÍNOLA, s/d, p. 36-37)

Pires Laranjeira (1995) distingue seis períodos para a literatura cabo-verdiana: 1º) **Iniciação**, das origens até 1925; 2º) **Hisperitano**, 1926 a 1935; 3º) **Cabo-**

verdianidade, de 1936 até 1957; 4º) **Cabo-verdianitude**, de 1958 até 1965; 5º) **Universalismo**, de 1966 até 1982 e finalmente o 6º) **Consolidação**, de 1983 até o presente. Obviamente que não podemos confundir essa delimitação temporal com a realidade da trajetória literária cabo-verdiana tal como se deu, senão como uma noção de como foi o percurso trilhado pela literatura escrita em Cabo Verde.

A respeito do período da Cabo-verdianidade, marcado pela iniciativa de “ficnar os pés na terra”, isto é, evidenciar as idiosincrasias do homem cabo-verdiano e da identidade crioula, chamado por SPÍNOLA (s/d) de Claridoso, Laranjeira (1995, p. 181) aponta que: “A seguir ao movimento claridoso de 1936, a revista *Certeza* (1944), de pendor neo-realista, procurou trilhar o novo caminho da cabo-verdianidade”. De fato:

Como o próprio nome indica Claridade deixa entrever uma intenção de visibilidade, de esclarecimento, de iluminação, na busca de novos caminhos livres das sombras da opressão, voltados para um projeto de construção de uma identidade étnica e cultural. Daí a necessidade sentida da contestação, da denúncia, do retorno às raízes. Como bem o assinala Pierre Rivas, ao estudar o movimento, “para os claridosos, trata-se de instaurar uma literatura de fundação, na qual a questão identitária se traduz pela importância da pesquisa etnográfica, da compilação dos contos e lendas populares, da valorização do folclore, da elaboração, em uma palavra, de uma mitopoética nacional” (DANTAS, 2011, p. 77)

Situado literariamente nos desdobramentos da Claridade cabo-verdiana, Luis Romano Madeira de Melo nasceu em 10 de junho de 1922 na Vila da Ponta do Sol, ilha de Santo Antão, uma das dez que compõem o arquipélago cabo-verdiano, e morreu na cidade de Natal/RN, em janeiro de 2010. Autor multifacetado, Romano enveredou pela prosa de ficção, poesia, narrativa curta, ensaios críticos e antropologia, tendo colaborado com diversas revistas literárias internacionais. Militante pela causa independentista cabo-verdiana, Luís Romano, perseguido pela polícia política portuguesa (PIDE), emigrou para o Senegal, Marrocos e Brasil, onde se exilou na década de 60. Estadista, Romano exerceu a função de cônsul de Cabo Verde no Brasil, após a conquista da autonomia política de seu país natal na segunda metade da década de 70. Em 1962 sai o seu único romance que chegou ao público, *Famintos*.

A inserção de Luís Romano em uma vertente literária específica é objeto de discussão. Para Venâncio (1992):

...dá-nos Romano em seu livro *Famintoso* quadro mais naturalista e grotesco da realidade colonial em Cabo Verde. *Famintos* é uma colectânea de contos, por vezes poemas, denunciando as injustiças coloniais duma forma frontal como nenhum escritor ou poeta cabo-verdiano até aí o fizera. Utiliza para tal um discurso sobremaneira metonímia, levando mesmo, por vezes, dado ainda o exagero com que impregna o que descreve, a nutrir no leitor um efeito contrário ao desejado. Romano (...) não está integrado em nenhuma <<geração>> (...) como também é praticamente o único autor a utilizar a narrativa para expressão duma mensagem preponderantemente política, ao que se junta o grotesco e o exagero acima mencionados. (VENÂNCIO, 1992, p. 35),

Para o poeta, ensaísta e teórico da literatura cabo-verdiana José Luís Hopffer Almada, Luis Romano pode ser classificado dentro da trajetória literária cabo-verdiana como um novo-largadista, que seguiu “aprofundando e alargando, por conseguinte, as preocupações estético-ideológicas do movimento Claridade” (SPÍNOLA, s/d, p. 3). Aprofundamento esse que segue em sintonia com outros movimentos, a exemplo do regionalista brasileiro:

O conceito regional da *Claridade* é substituído pelo conceito nacional da geração que a seguiu: a da *Certeza*, de 1944, que, sob a influência do Neo-Realismo português, do romance, do romance regionalista nordestino brasileiro e da introdução de uma visão dialética marxista, adentra por uma concepção nova do coletivo. (TUTIKIAN, 2006, p.63)

O movimento da Nova Largada, daí o termo novo-largadista, marca a primeira contestação ao telurismo e ao evasíonismo dos claridosos, inserindo no discurso identitário crioulo cabo-verdiano, pelo viés da literatura, uma afirmação do elemento negro-africano como componente desse olhar crítico, mas sem perder o forte caráter nacionalista. Nas palavras de José Luís Hopffer Almada:

A poesia da Nova Largada que eclode, nos anos 40 e 50, como uma vertente mais rebelde nas revistas Claridade, Certeza e Cabo Verde com os “*poemas de amanhã*” e “*bate pilão bate*”, de António Nunes bem como “*Herança*”, “*Magia Negra*” e outros poemas da Linha de Horizonte de Aguinaldo Fonseca e assume, em 1953, nome próprio com o surgimento do Grupo “*Nova Largada*”, nacapital do Império, responsável pela edição do Suplemento Cultural (1959) ao Boletim Cabo Verde (Praia, 1948-1964), é largamente marcada pelo neo-realismo português, pela intelectual e estética revalorização das nossas raízes negras e pela contestação social e anticolonial. (ALMADA, 2005, p. 3).

Temáticas como a emigração, a seca, a fome, as desigualdades sociais, recorrentes nas obras que compõem o Regionalismo de 30 no Brasil, em obras de autores como Manuel Bandeira (Pernambuco) Graciliano Ramos (Alagoas), José Lins do Rego (Paraíba), José Bezerra Gomes (Rio Grande do Norte) e Jorge Amado (Bahia), serão recorrentes também em várias obras em verso e prosa de autores cabo-verdianos. São exemplos disso as produções de Manuel Lopes, Baltazar Lopes, Jorge Barbosa, Teixeira de Souza, dentre outros.

Nesse contexto, Luís Romano fez de seu trabalho literário uma arma de combate ao fascismo às desigualdades sociais, que então caracterizavam seu contexto de atuação, “Para ele, o acto de escrever é uma prática essencialmente sociocultural, desprovida de qualquer subjectividade. Porta-voz de um povo de quem se sente o filho reconhecido e o seu fiel representante.” (CHALENDAR, 1983, p. 30). É ainda (CHALENDAR, 1983, p. 17) que entende que em se tratando de *Famintos* estamos diante “de um documento sociológico, mais que a um romance propriamente falando”.

Em seu romance *Famintos*, produzido na década de 1940, e publicado pela primeira vez em 1962, no início de seu exílio no Brasil, Luís Romano expõe de forma marcante o sofrimento dos seus patrícios frente a grandes males: o fenômeno climático da seca, que periodicamente assola aquelas ilhas africanas; a tirania da administração local, associada, no romance, ao regime fascista, assim como a desigualdade existente no seio da estrutura social, situações ilustradas nos fragmentos seguintes, protagonizados pelos personagens Mulato e Crioulo, duas lideranças administrativas:

Ditador é um assombro, veja para estes que vão morrer porque já não prestam e ainda sorriem! – a ponta do indicador mostrava a gravura estrangeira que chegara no correio da manhã. São leprosos que vão ser eliminados em câmaras de gases. Magnífica mentalidade! Organismo perfeito, não há dúvida, meu caro!

Crioulo limpou os óculos e acenou com a cabeça, examinando melhor enquanto Mulato prosseguia: – Esta gentalha do Povoado precisava ser liquidada assim, uma vez que já não presta para nada; porque razão perde-se um tempo precioso com esse número avultado de cadáveres ambulantes.

(...)

– A meu ver, remédio eficaz, seria uma boa metralhadora.
(ROMANO, 1983, p. 95)

Da mesma forma que os seus predecessores da geração claridosa, Romano também procurou captar as idiossincrasias do homem cabo-verdiano, sua cultura, sua linguagem, seus dramas, mas usando para isso sua lente crítica, marcada por um exagero e um grotesco descritivos, segundo entende Venâncio (1992). Amiséria provocada pela seca, as desigualdades existentes nas estruturas sociais, o evasãoismo marcante da história e da cultura cabo-verdiana, em seus dois momentos-chaves: a emigração para o continente americano – ilustrada no caso do desembarcado Paulino – e, a mais difícil, para as roças de São Tomé e Príncipe, das quais muitos não voltavam, serão captados pelas lentes romanas.

Em se tratando da marcante trajetória emigratória cabo-verdiana, temos que:

A partir dos elementos documentais conhecidos, A Carreira encontra três fases na diáspora cabo-verdiana (1900-1920; 1927-1945 e 1946-1973) para destinos que podem desencadear situações de casuística bastante diversa, Estados Unidos; Argentina, Brasil, Uruguai e Chile; Guiné; Angola e Moçambique; S. Tomé e Príncipe; Dakar e Gâmbia; Lisboa, Açores e Madeira, e outros países (Carreira, 1983: 87-126) onde poderemos incluir México, Holanda, Itália, França, Bélgica, Luxemburgo, Suécia, Noruega, Suíça, Canadá. (CARVALHO, 2006, p. 24)

No terceiro capítulo de *Famintos*, intitulado “Paulino, o desembarcado” é ilustrada a situação do emigrante cabo-verdiano que, conseguindo trabalhar e juntar

algum patrimônio no exterior retorna para sua terra natal, satisfeito por ter regressado bem, mas vê tudo o que juntou com muito esforço ser consumido pela escassez:

E assim as “coisinhas” que trouxeram de Lá-Fóra desapareciam a pouco e pouco, sem outro remédio para sustar êsse vazio que se fazia sentir em casa, quando olhava para os quartos desertos e pras paredes onde os pregos isolados lembravam tantas cenas da vida em que ele se esforçou para merecer a paz de um existência sem preocupações. O “Mixim”, levou-o o Morgado por dois quilos de farinha-de-pau, e, nesse andar, Paulino já não sabia a que se recorrer. Todas as hortas tinham sido vendidas a fim de manter a vida da família. Agora, Deus era maior, dormia no chão com os filhos à volta, na mesma cama feita de fibras de bananeira, e tudo era para ser tomado com paciência porque ele era filho de pecador, mas sem pecado nem soberba e graça de Maria Santíssima, um dia desses, viria aliviar sofrimento de filho-de-parida.

No entanto os meninos, por mais que comessem, emagreciam, os ossos salientes, um brilho inquietante no olhar. (ROMANO, 1983, p. 64-65)

Em capítulos como “Os contratados”, “O circo”, “Navio negreiro” e “O rapaz que veio contar”, Romano expõe a situação do homem e da mulher que, obrigados a emigrar por causa da seca e da fome, se submetem ao trabalho nas roças da Costa d’África, como em São Tomé e Príncipe. Trabalho que ao invés de lhes render a melhoria de vida esperada, os leva ao trabalho escravo nas roças de café, como fica exposto no desabafo de um dos ‘contratados’, que denuncia a condição dura dos trabalhadores:

– safadeza! Moço, tudo veio enganado da mesma forma. Quem chega já não pode voltar e fica amarrado para quarto anos de trabalho penoso. Muitas vezes morre sem poder voltar. Eu já estou em dez anos. Tenho histórias para contar. Branco tem coração cheio de fel, quando é patrão. (ROMANO, 1983, p. 311)

A exploração do trabalhador e do pequeno proprietário rural pelos grupos mais abastados também figura nas páginas de *Famintos*. Como demonstra a passagem em que Cosme, pequeno proprietário rural, vende ao preço de 3 contos e duzentos mil réis sua propriedade ao poderoso comerciante Seu Joãozinho, adquirida originalmente por 25 contos de réis:

– Não. Vendi minha hortinha. Sr. Joãozinho comprou foi cansa de fábrica onde trabalhei anos sem conta. Ele comprou minha casa onde nasceram meus meninos, tudo quanto ajuntei debaixo de suor e fadiga, por três contos e duzentos mil réis. (ROMANO, 1983, p. 75)

Temática e paisagem semelhante vamos encontrar em obras como *Vidas Secas* e *Os Brutos*, ambas inseridas no âmbito do Regionalismo de 30, que contemplam, tendo como cenário o Nordeste brasileiro, questões semelhantes a de *Famintos*, por exemplo. Fato que aponta para o promissor campo de comparação que temos entre obras da literatura cabo-verdiana e da brasileira.

O breve percurso aqui empreendido, contemplando as (re)conhecidas relações de diversas ordens entre O Brasil e o arquipélago de Cabo Verde, chama a atenção para as possibilidades de desdobramento que tais similitudes propiciam. Já existindo alguns estudos que investem no viés comparativo entre elementos das duas literaturas, se afigura de enorme potencial o campo da aproximação entre as duas culturas, o que, certamente, abrangerá nossa compreensão dos assuntos circularidade cultural e literatura, assim como de outros, abrindo caminhos para novas descobertas.

REFERÊNCIAS

ALMADA, José Luís Hopffer. “Problemáticas Actuais da lusografia e da universalização na literatura cabo-verdiana”. In: *Jornal A Semana*, Sexta-Feira, 25 de Fev. 2005. Disponível em: www.asemana.publ.cv/pdf/42234e1c2fc29.pdf, acessado em 31 Maio 2012.

CARREIRA, António. *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*. Praia: ICL, 1983.

CARVALHO, Alberto de. “Sobre a Diáspora e Emigração Cabo-verdiana”. In: *Revista Via Atlântica*. N. 10. São Paulo: USP, 2006, pp. 11-31.

CHALENDAR, Pierrette et Gérard Chalendar. “Estrutura tipológica e alcance político de *Famintos* de Luís Romano”. In: ROMANO, Luis. *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2005.

DANTAS, Elisalva Madruga. “A Repercussão de Manuel Bandeira na Poética Cabo-verdiana”. In: *Revista Sociopoética*. V. 1, n. 7. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <http://eduep.uepb.edu.br/sociopoetica/publicacoes/sociopoetica-v1n7.pdf>, acessado em 18 de setembro de 2012.

DUARTE, Zuleide. *Outras Áfricas: elementos para uma literatura da África*. Recife: Massangana, 2012.

GOMES, José Bezerra. *Os Brutos*. 3 ed. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2008.

HERNANDEZ, Leila Leite. *Os Filhos da Terra do Sol: a formação do Estado-nação em Cabo Verde*. São Paulo: Summus, 2002.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *As Inscrituras do Verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Recife: UFPE, PGLetras, 2007. Tese de Doutorado.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 35 ed. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, Martins, 1976.

RIVAS, Pierre. Claridade. “Émergence et différenciation d’une littérature nationale”. In: *Literatures. Du Cap-Vert de Guinée-Bissau de São Tomé et Príncipe*. Revue Du Livre: Afrique, Caraïbes, Océan Indien. Janvier-Mars, Paris: CLEF, 1993, n° 112. P. 20.

ROMANO, Luis. *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

ROMANO, Luis. *Famintos*. Rio de Janeiro: Leitura S/A, 1962.

SEMEDO, Manuel Brito. “O Modelo Brasileiro e a Literatura Moderna Cabo-verdiana. Estudo comparado”. *África: revista do centro de estudos africanos*. USP, São Paulo, 22-23: 253-265, 1999/2000/2001.

SPÍNOLA, Daniel. *Cabo Verde: As Ilhas da Morabeza*. Disponível em: http://www.aucv.rcts.pt/word/cabo_verde_site_final_revisto.pdf. Acessado em 12 mar 2012.

SPÍNOLA, Daniel. “A cultura cabo-verdiana e suas raízes etno-culturais”. Disponível online em: <http://caboverde.vozdipovo-online.com/content/view/19/37/1/59/>, em formato pdf. Acesso em: 10 jul 2012.

TUTIKIAN, Jane. “O siso do Meu Poeta: o riso do meu autor”. In: *Revista Via Atlântica*. N. 10. São Paulo: USP, 2006, pp. 59-74.

VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura e Poder na África Lusófona*. Lisboa: Ministério da Educação Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.